

**ENTRE SERTÕES:
DIÁLOGOS ENTRE EUCLIDES DA CUNHA E COELHO NETO
EM FACE DA LITERATURA REGIONALISTA**

Luis Fernando Ribeiro Almeida (FAMA)
fernandoalmeida15@yahoo.com.br

RESUMO

Observando os temas tomados como inspiração para a construção literária ao longo da história cultural do Brasil, constata-se que uma vertente muito profícua para os escritores é a chamada literatura regionalista, compreendida como a vertente literária que trata de assuntos peculiares de determinada região do território nacional, ressaltando as características do ambiente e da população local; corrente essa muito valorizada durante o Romantismo e Pré-Modernismo e a Geração de 1930. Neste tocante, tem-se a contribuição de Euclides da Cunha e Coelho Neto que buscaram ambiente de sua construção literária no Nordeste. O primeiro nos legou *Os Sertões* como o retrato dos momentos finais da Guerra de Canudos, destacando a figura do homem e da terra do interior baiano. Já o segundo, maranhense, em sua obra *Sertão*, traça um esboço do homem sertanejo com sua cultura e hábitos. Compartilhando dessas informações, buscou-se fazer uma análise comparativa entre as obras desses autores para estabelecer pontos de semelhança entre os textos em relação à corrente regionalista de dois momentos distintos da literatura brasileira. Ao longo do estudo foi possível observar certa correspondência entre as duas obras, a saber: a tentativa de caracterizar o sertanejo, seus costumes e cultura, bem como a paisagem local em vista de construir um arquétipo do homem dos “confins” do Brasil. Como fundamentação teórica, pausamo-nos em Bosi (2006) e em Jobim (1987).

Palavras-chave:

Sertões. Euclides da Cunha. Coelho Neto. Literatura regionalista. História literária.

1. Introdução

A temática do sertão é uma constante na história da literatura brasileira, sendo mais ou menos desenvolvida em cada escola literária, do Quinhentismo ao Pós-Modernismo. Isto porque o misto de curiosidade que circunda a palavra “sertão” e seus inúmeros sentidos que dele depreendem foi e é um campo fértil de criação, claro que em cada momento da história esse espaço teve maior ou menor repercussão a já vista que em alguns momentos foi apenas pano de fundo para a narrativa, como no caso da escrita romântica, já é outros momentos constituiu-se como elemento principal do texto, personificando-se, o que pode ser comprovado com os romances da geração de 1930.

Buscando correntes teóricas que pudessem trazer luz ao uso desse

tema na literatura, foi possível chegar a uma corrente também muito profícua nos estudos literários, a chamada literatura regionalista, esta que detém muitos sentidos, parece trazer em seus estudos um olhar para o espaço do sertão. Muitos autores dedicaram-se ao estudos de textos de caráter regionalista e até dedicaram capítulos exclusivos em obras para o tratamento do tema, a saber Afrânio Coutinho em sua *Introdução à Literatura no Brasil*, e Alfredo Bosi em sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, esses dois autores nos legaram esclarecedores estudos que revelam o gosto dos escritores brasileiros para focalizarem o peculiar de uma dada localidade do país.

Isto posto, o próximo passo foi buscar, em dois momentos distintos do fazer literário no Brasil, autores que utilizaram o espaço do sertão como elemento alicerçante de suas criações. Daí aparecem as obras *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Sertão*, de Coelho Neto, obras de dois expoentes das letras nacionais e que buscaram nesse substantivo masculino não só o título de suas respectivas obras, mas também espaço de suas narrativas. Separam-se por cinco anos as duas obras em questão, a de Coelho Neto no final do século XIX e a de Euclides nos primeiros anos do século XX, os anos parecem pouco, mas, nesse ínterim, a literatura brasileira passava por profundas transformações.

Baseado nessas informações, este estudo buscou verificar até que ponto essas duas obras se aproximam como também se distanciam, tanto em relação à escola literária em que estão enquadradas, à linguagem empreendida pelo autor, bem como o trato com os personagens e discursos latentes na trama narrativa, além de este representar também um esforço de construir um paradigma entre as respectivas obras que possa servir de base para futuros trabalhos que se busquem investigar a produção literária do final do século XIX e início do século XX e seus principais temas trabalhados, especialmente o “sertão”, como espaço de construção do enredo.

Para a construção teórica deste, além da leitura e análise das obras *Os Sertões* e *Sertão* de Euclides da Cunha e Coelho Neto, respectivamente, também se recorreu a autores como Coutinho (2001), Bosi (2006), Jobim (1987), Moisés (2001) e outros que dessem luz ao tema em estudo.

2. O “sertão” como espaço literário

“Sertão”, esse substantivo masculino de pujante sonoridade e de

múltiplos sentidos sempre despertou a curiosidade de pessoas comuns, bem como de escritores. Qual poderia ser a razão desse fascínio? Uma possível explicação poderia repousar no sentido de que a palavra pespon-ta um certo ambiente hostil e longe, este último não só na questão espacial, mas também no sentido de lugar longe do progresso da sociedade. Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 1986, p. 718), sertão pode ser compreendido como “região agreste distante das povoações ou das terras cultivadas”.

Essa primeira tentativa de compreendê-lo prontamente já revela alguns problemas e/ou preconceitos, a de uma região longe e pobre. Essa situação não está muito longe dos dias de hoje. Sim. De fato, sertão agrega essas caracterizações, tanto que já no século XVI, em pleno Classicismo, Camões, em *Os Lusíadas*, no canto X, estrofe 134, nos quatro últimos versos faz menção a esse lugar:

A gente do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai.
Converte em pedra o pau que nele cai.

É possível perceber nesses versos que Camões utilizasse da palavra sertão no sentido bem próximo do já descrito por Antônio Geraldo da Cunha. O sentido dado por Camões à expressão “a gente do sertão”, por meio da voz narrativa de um navegador, chama a atenção para um dado espaço, em terra, em que também transcorrem aventuras, pressupostas, no poema, nos testemunhos cantados como sabidos, vividos por grupos que se aventuram por terra e por um dado espaço, um certo lugar, o sertão. Com isso é possível constatar a caracterização dada à palavra, isso já no século XVI. Portanto, o uso recorrente desse termo na literatura não é novo. Pelo contrário só foi sendo aperfeiçoado a tal ponto de culminar com as brilhantes produções dos escritores da geração de 1930. Obras do porte de *O Quinze*, de Rachel de Queirós, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, são um bom exemplo.

Pode-se atrever a dizer que o termo chegou ao Brasil pelas mãos de Pero Vaz de Caminha, este talvez não se desse conta que a terra que outrora descrevera ao rei de Portugal seria terra fértil, não só para a plantação, mas também como profícuo espaço de criação literária. Assim, Caminha usou o termo para descrever a terra que os portugueses encontraram em 1500, “de pomta a pomta he toda a praya Parma mujto chaã e mujto fremosa pelo sartaão nos pareceu do mar mujto grande” (VICENTINI, 1998, p. 45). Pode-se dizer que foi assim que o termo chegou ao

Brasil, servindo como caracterização de algo distante, longe, agreste, remoto. Aportado em 1500 pelas mãos de Pero Vaz de Caminha, as vicissitudes da palavra “sertão” percorreram séculos de uso nas diversas escolas literárias brasileiras, de início um lugar fora, exterior à vida do escritor, como se vê na feliz colocação “o sertão é outro lugar, ou lugar do outro”.

“Fala-se dele, mas ele está sempre longe da enunciação, a qual se ampara num dêitico adverbial para melhor caracterizá-lo: esse, lá, ali, acolá...” (VICENTINI, 1998, p. 45). De fato, com exceção dos romances de 1930, o sertão é visto, de certa maneira, como um outro lugar, lugar este que não caracteriza por vezes o mundo real, mas sim como um emaranhado de tipos e costumes humanos. Mas esses altos e baixos do uso do termo não diminuem seu vasto uso.

Para Marchezan:

O conceito de sertão, tanto o literal como o literário – este, representando um pensamento ficcionalizado –, ambos, enfim, nasceram da idealização com o não idêntico, da apreensão da diferença entre o espaço organizado, projetado, construído – situado nas cercanias do litoral, urbano – e o não construído, natural – entendido como um espaço de campos e matos [...] A palavra sertão fez-se, assim, uma possibilidade de leitura do mundo a partir do universo e espaço rurais; suscitou estados de ânimo e, no interior de uma forma literária, mostrou-se diferente, encantou leitores e ultrapassou indiferenças.

3. Pressupostos do “regionalismo” na literatura brasileira

O apego pelo regional na literatura brasileira é um espaço profícuo de criações, o olhar voltado para o interior do Brasil se fez e ainda se faz atual, na medida em que revela para a sociedade espaços e tipos humanos que por vezes são discriminados, mas que carregam um cultura e um saber particular, este por sinal que torna o Brasil diverso social e culturalmente. Para Coutinho (2001, p. 201):

Desde o Romantismo, com a valorização do “genius loci”, um fato da maior significação foi a crescente importância do Brasil regional. As influências geográficas, econômicas, folclóricas, tradicionais, que deixaram traços marcantes e características distintivas na vida, costumes, temperamento, linguagem expressões artísticas, maneiras de ser e sentir, agir e trabalhar, fizeram-se perceber na vida intelectual brasileira desde que a consciência nacional brotou para a independência política e cultural.

Coutinho foi muito feliz ao referir-se ao Romantismo como o momento em que o regionalismo de fato encontrou seu caminho na literatura brasileira. Realmente, nesse período, verifica-se um número consi-

derável de obras que mostram o Brasil do interior, longe do litoral, um país notadamente rural em todos seus aspectos. Nessa primeira leva de escritores do período romântico, podem ser citados José de Alencar, com *O Gaúcho*; Franklin Távora, com *O Cabeleira*; e Taunay, com *Inocência*. Esses escritores, seguindo os padrões estéticos da época, buscaram caracterizar espaços interioranos, porém idealizados, nos moldes românticos; mas o gosto pelo local, retratando o sul, nordeste e centro-oeste do país respectivamente. Em relação ao apego a essa vertente da literatura brasileira, Coutinho (2001, p. 204) continua:

De norte a sul do país, escritores aparecem procurando captar em prosa, com a máxima veracidade, os temas, os costumes, os tipos, a linguagem, das várias regiões de que, geograficamente, se compõe o país. Cria-se, inclusive, um tipo de herói – o herói regional – de estatura quase épica em seus aspectos de super-homem, em luta contra um destino fatal, traçado pelas forças superiores do ambiente.

Dentro da chamada literatura regionalista, é inegável a tomada do sertão, como já foi mencionado no tópico anterior, como espaço da narrativa, nesse sentido em muitos casos o sertão está no regional, porém nem todo regional toma o sertão como tema. Nesse aspecto, Vicentini (1998, p. 41) esclarece: “A temática do sertão na literatura brasileira determina uma espécie de corrente literária intitulada literatura sertanista ou literatura sertaneja, situada dentro da corrente maior da literatura regionalista [...]”

4. Diálogos entre Euclides da Cunha e Coelho Neto

4.1. Euclides da Cunha, o Pré-Modernismo e *Os Sertões*

Durante o final do século XIX e início do século XX, o Brasil presenciava transformações, tanto a nível sociopolítico quanto no campo literário. No que concerne à literatura, a partir de 1902, com a publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, as letras nacionais entravam em um momento de transição temática e formal. De acordo com Jobim e Souza (1987, p. 217):

O período da literatura brasileira que se situa entre o apogeu dos estilos da segunda metade do século XX – Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo – e o surgimento do Modernismo, isto é, esquematicamente entre 1900 e 1922, se caracteriza pela coexistência de diversas orientações estilísticas distintas. Por outro lado, caracteriza este período o fato de nele ocorrerem certas experiências literárias da revolução modernista.

Essa situação – retratando os problemas sociais brasileiros – co-

meça a mudar com o romper do século XX, em que transformações na sociedade insurgem e revolucionam as relações sociais e de mercado. “Politicamente, vivia-se o período de estabilização do regime republicano e a chamada *política do café com leite*, com a hegemonia de dois estados da federação: São Paulo [...], e Minas Gerais [...]” (CEREJA, MAGALHÃES, 2003, p. 348).

Em meio a essas transformações, surge então uma nova forma de fazer literário diretamente ligado ao momento histórico da época. Esse momento em que diversas tendências artísticas coabitam – características do Realismo e do Simbolismo – ou seja, um período sincrético, passou a denominar-se Pré-Modernismo. Ainda segundo Jobim e Souza (1987, p. 217), o momento do Pré-Modernismo pode ser interpretado da seguinte forma:

A primeira característica deste período por nós mencionada – coexistência de diversas orientações estilísticas distintas – lhe valeu a designação de período sincrético ou eclético (sincretismo e ecletismo significam “mistura”, “coabitação ou harmonização de elementos heterogêneos”); a segunda – experiências literárias preparatórias da revolução modernista [...].

Esse movimento Pré-Modernista é considerado um momento importante para a literatura nacional, pois foi nessa época que os ideais apregoados a partir da semana de 1922 foram gestados. Entre as principais características desse movimento pode-se destacar: ruptura com o passado, denúncia da realidade, regionalismo e tipos humanos marginalizados. Durante esse período têm-se a importante contribuição de autores como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha e Augusto dos Anjos. Em relação a Euclides da Cunha, é necessário que se ressalte a sua importância para esse movimento literário, uma vez que sua obra-prima, *Os Sertões*, de 1902 é considerada o marco desse estilo de época.

Em *Os Sertões*, o autor amalgama o que os seus antecessores buscaram descrever pela corrente regionalista, quer seja na idealização romântica ou na tipificação humana dos realistas. Euclides, agora, talha o homem desnudo de caracterizações excessivas e idealizadas, e o pano de fundo é a natureza, tal qual ela se apresenta: árida, angustiante, sufocante. Na visão do autor, o sertão e o sertanejo podem ser assim entendidos:

A entrada do sertão:

Está sobre um socalco do maciço continental, ao norte. Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o rio de São Francisco; e de outra, encurvando também para sudeste, em uma normal à direção

primitiva, o curso flexuoso do Itapecuru-açu. (CUNHA, 2006, p. 36)

O sertanejo:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neustastênicos do litoral [...] É desgraçoso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete nos aspectos a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. (CUNHA, 2006, p. 146)

Euclides é considerado um dos nossos maiores expoentes da literatura do início do século XX. Expoente, porque, através de seus escritos, congregava o olhar sociológico, detalhista dos aspectos sociais e da formação da nação brasileira; jornalístico, sempre atento a denunciar os problemas sociais, como já o fizera em *Canudos* e, por fim, o olhar literato, do homem das letras que zelava pelo puritanismo da linguagem.

Todas essas características fazem de Euclides da Cunha um dos fundadores do Pré-Modernismo brasileiro, alicerçando as bases para a literatura regional engajada da segunda geração modernista e dos romanistas da década de 1930. A esse respeito, Erthal (2009, p. 14-15), salienta:

Foi Euclides, sem dúvida, quem despertou a atenção dos governantes e dos intelectuais brasileiros para o Brasil real, especialmente o Brasil interiorano e afastado das capitais do litoral: pobre, analfabeto doente e fanático. E pior: desassistido e que devia ser controlado e reprimido à força, em caso de rebelião, como se deu em *Canudos*. Dir-se-ia que foi ele, com seu grito de alerta, que acordou o país para a nossa realidade, ensinando aos brasileiros a olhar antes para dentro que para fora. Nesse particular, podemos até dizer que Gilberto Freire, Monteiro Lobato, Sérgio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Arthur Ramos, Guimarães Rosa, Roquette Pinto e tantos outros autores que descreveram ou estudaram com mais seriedade a realidade brasileira, a certos respeito foram discípulos de Euclides da Cunha, ainda que não tenham dado conta disso.

Dessa forma, muitos escritores se apoderaram dos postulados euclidianos, e seu tino para o registro das classes menos favorecidas da sociedade brasileira – a exemplo do sertanejo – além de ter, como pano de fundo, paisagens consideradas fora do fazer literário do Romantismo – embora existissem eram feitas com certo ar idealizado – esse espaço era a caatinga nordestina. Outra característica que os escritores tomaram emprestado da linguagem euclidiana foi a visão sociológica empregada ao fazer literário. Todos esses atributos de Euclides da Cunha lhe renderam, em 1903, a eleição, com 37 anos, para a Academia Brasileira de Letras, figurando-se na cadeira cujo patrono era o poeta baiano Castro Alves.

4.2. “Sertão” de Coelho Neto: narrativa idealizada

Quanto à figura de Coelho Neto, é indiscutível a admiração dos escritores da época por seus escritos, a tal ponto de ser considerado o “príncipe dos prosadores”, por tamanha destreza com a linguagem e poder de criação de tipos humanos. O autor está enquadrado dentro do estilo de época do Realismo brasileiro, com uma obra vastíssima e com algumas obras que merecem destaque, apesar de sua produção se estender às primeiras décadas do século XX.

Em relação ao Realismo, é importante destacar que a temática regional continua nesse período, porém menos “enfeitado” que o Romantismo. Para Bosi (2006, p. 173):

O sertanejo altivo de Alencar não sofria das misérias que nos descrevem *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, e *Luiza-Homem*, de Domingos Olímpio. Os costumes regionais, tão castos em Taunay e em Távora, tornar-se-ão licenciosos na selva amazônica, a ponto de transviar o missionário de Inglês de Sousa.

Dessa forma, a sua obra *Sertão* (1897), tomada aqui para análise, retrata a vida no sertão nordestino, talvez relembrando sua vida em Caxias, interior do Maranhão.

Nessa obra, Coelho Neto fala de tipos humanos característicos dessa parte do Brasil, como Firmo, o vaqueiro, exemplo de homem trabalhador e forte da imensidão do sertão: “Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, à hora vespéral em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumávamos, relembrando passagens alegres da vida de outrora”. (COELHO NETO, 1933, p. 121)

5. Considerações finais

Ao longo do estudo das duas obras: *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, e *Sertão* (1897), de Coelho Neto, a primeira inauguradora do Pré-Modernismo e a segunda ainda resquício dos últimos sopros do Realismo, é possível concluir que as obras têm em comum:

- São exemplares daquilo que se chama literatura regionalista, uma vez que buscam retratar determinado espaço do Brasil;
- Têm como espaço narrativo o sertão brasileiro;
- Os autores criam a figuram de um herói sertanejo;

Apesar dessas semelhanças, as obras apresentam diferenças importantes:

- A linguagem de Coelho Neto é demasiadamente cheia de adjetivações, tornando a obra o retrato do sertão longe do real, o autor narra em primeira pessoa, com reminiscências da infância, de um lugar dos sonhos.
- Já Euclides da Cunha mostra a real situação do homem do sertão, o sertanejo que segue seu destino fatigado pelo determinismo que o cerca, esse tipo humano se mostra “nu”, sem carga excessiva de adjetivações idealizadoras, e muito menos o espaço do sertão é pitoresco ou acolhedor.

Enfim, com semelhanças e diferenças as duas obras escolhidas para análise se constituem exemplares de textos bem escritos e que revelam o olhar sobre a realidade brasileira em dois momentos distintos da história do Brasil, e que Euclides da Cunha e Coelho Neto carecem de mais estudos sobre seus escritos que, vistos por um leitor/pesquisador atento, mostram-se atuais, uma vez que pelo uso da linguagem particular desses dois escritores brasileiros, seus textos ultrapassam o regional, o particular e chegam ao geral, ao universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. *Sociedade e Cultura*, ano 1, n. 1, p. 41-54, jan./jun.1998.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. *O sertão no interior da máquina do mundo*. Disponível em:

http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/sertao_maqulina.htm.

JOBIM, José Luís; SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. São Paulo: Atual, 2003.

ERTHAL, Clélio. *Euclides da Cunha e o culto que lhe é prestado*. Niterói: Nitpress, 2009.

COELHO NETO, Henrique Maximiliano. *Sertão*. Lisboa: Chardron, 1933.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2006.